

# CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DO ARTISTA E DE SEUS REGISTROS

KATHLEEN OLIVEIRA DE AVILA<sup>1</sup>; CAROLINE BONILHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas- [kathleenoavila@gmail.com](mailto:kathleenoavila@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - [bonilhacaroline@gmail.com](mailto:bonilhacaroline@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir, de forma breve, o tema da construção da paisagem através da percepção do artista e de seus registros a partir de estudos sobre o artista viajante Hercule Florence (1804-1879) e de uma experiência na construção de um livro de artista.

A partir de minhas observações em práticas orientadas dentro do ateliê de gravura e do grupo de pesquisa História e a Teoria das Imagens no Espaço/Tempo Contemporâneo, surgiu-me a hipótese de que características semelhantes podem ser encontradas na construção do livro de artista, na concepção da obra realizada por Hercule Florence e no conceito de paisagem de Anne Cauquelin (2007).

A construção da paisagem pode ser compreendida por outros olhares, como ocorreu com os artistas viajantes, caso de Hercule Florence, ao virem ao Brasil. A paisagem foi percebida, estudada e registrada por diversos artistas. Esses artistas documentaram grande parte da flora e fauna brasileira até então desconhecida. No entanto, a percepção do ambiente também pode ser pensada estando entremeada por questões particulares que ecoam nos registros realizados, sendo assim, o registro também é impregnado pela influência do olhar do artista.

Para TEIXEIRA LEITE (1979), Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879) foi um notável desenhista, polígrafo e pioneiro da fotografia franco-brasileiro. Segundo KOSSOY (2015) Seus desenhos revelam um artista de muita sensibilidade, evocam certos trabalhos de Guignard, pelo sentido musical e imaterial de que se revestem. São imagens que muitas vezes reproduzem de forma simplificada o assunto, porém revelando a sua essência, a montagem ou a idealização da paisagem inexistente. Apenas o traço puro ou a cor discreta e necessária a retratar o mundo visível.

Tendo em vista os elementos apresentados anteriormente, a presente pesquisa tem como objetivo relacionar as técnicas da monotipia, do desenho e da pintura com a percepção estética da paisagem como possibilidade artística, suas raízes históricas e sua relação com a memória através da construção de um livro de artista.

## 2. METODOLOGIA

A base deste estudo caracteriza-se a partir de pesquisas bibliográficas fundamentadas inicialmente na investigação, leitura e análise de artigos e publicações recomendadas nas disciplinas de Cultura Brasileira I e Introdução a Gravura, do curso de Artes Visuais Licenciatura/ UFPel. Posteriormente foi realizada uma pesquisa de campo com coleta de monotipias realizadas pela autora para execução do livro de artista.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para CICERO (1996), Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre perde-se a coisa à vista. Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado. Tendo o poema de Cicero como ponto de partida, comecei a colher folhagens do percurso da minha casa aos locais onde estudei e onde estudo. Pois ao fazer registros e impressões, como observamos na Figura 1, ao guardar as matrizes, considero estar construindo uma paisagem particular através da memória.



**Figura 1:** Impressões de folhas em azul do CA e em rosa da minha casa.  
Fonte: autora.

Refletindo sobre a monotipia dentro do ateliê de gravura teve início o processo de desenvolvimento da técnica também em outros ambientes, sempre envolvendo o uso de materiais alternativos para concepção do trabalho e para criação das impressões.

Segundo WEISS (2003), as monotipias e outros tipos de registros, remetem a gestos primordiais da humanidade, como a marca da mão pré-histórica gravada na caverna. Talvez seja esse um dos aspectos que atrai o artista à monotipia: a possibilidade de gravar, “congelar” um gesto, uma ideia, uma emoção. Assim nasceu o Livro Memória, que podemos observar na Figura 2, composto de impressões de folhagens oriundas do jardim do Centro de Artes (CA), do percurso da minha casa até o CA, e do jardim da minha casa. Encaminhando-se para a construção de uma paisagem através da memória.



**Figura 2:** Livro memória aberto. Fonte: autora, 2015.

Segundo CAUQUELIN (2007), o que passamos a chamar de paisagem se refere muitas vezes, a lembranças de infância, contos relatados por nossos familiares, juntamente com tudo o que guardamos na memória, algo que nos interessa. Assim entendo como paisagem, a construção subjetiva realizada através da percepção de diversos elementos, registrados e possivelmente guardados, que ao serem recordados se materializarão em forma de paisagem.

Para MERLEU-PONTY (2011) a percepção é o ato pelo qual a consciência apreende um dado objeto, utilizando as sensações como instrumento, não é uma representação mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência. Nos capítulos sobre o mundo percebido em *Fenomenologia da Percepção* (2011), o autor reforça a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece o espaço como expressivo e simbólico. A experiência perceptiva é uma experiência corporal, o movimento e o sentir são os elementos chaves da percepção.

Tomando como base a ideia desse mundo em construção, que segue os caminhos trilhados e os lugares habitados, que toma forma no decorrer do processo de percepção é possível compreender também a construção da paisagem feita pelos artistas viajantes.

Os artistas viajantes, foram aqueles cuja produção encontrou-se ligada ao ato de viajar, os desenhos e pinturas que realizavam, de cunho documental, integravam expedições artísticas e científicas, que atravessam territórios recém-conquistados, com a finalidade de registrar a flora, a fauna e o povo desses lugares. No Brasil, desde a chegada dos portugueses no século XVI diversos relatos e registros pictóricos foram gerados para descrever as novas paisagens “descobertas”. Porém, algumas vezes os registros visuais parecem adquirir relativa autonomia com relação aos textos, adotando uma visão menos comprometida com preocupações morais e religiosas, e mais afeita à observação naturalista do mundo.

Ressalto a expedição organizada pelo barão Georg Heinrich Von Langsdorff (1774-1852), entre 1824 e 1829, pela relevância no quesito pinturas documentais, acompanhada por Hercule Florence que havia chegado ao Brasil em 1824. Em 1825 ele executou diversas aquarelas mostrando o ambiente natural e social do Brasil da época (*Habitação dos Apiacás sobre o Arinos*, 1828).

#### 4. CONCLUSÕES

Até o momento foi possível constatar que a monotipia, o desenho e a pintura são meios de expressão de grande significância, promovendo relações entre o real e o imaginário, a partir dos quais podemos capturar através de registros emoções, momentos e instantes. A realidade vivenciada pelo ser é o que impulsiona a manifestação através da arte, assim construímos, a partir da percepção, memórias de uma paisagem que não será esquecida, pois sempre relemburada ao entrar em contato com essas expressões artísticas. É importante destacar que a pesquisa ainda está em andamento e que novas possibilidades de registro e de diálogos teóricos ainda surgirão no horizonte.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**, Estudos de Psicologia, 2008, 13(2), 141-148. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf>.

TEIXEIRA LEITE, José Roberto. “**Os artistas estrangeiro**”, in: Arte no Brasil. São Paulo: Ed. Abril, 1979. v. 2. pp. 492-539.

WEISS, Luise. **Monotipias: algumas Considerações. Cadernos de gravura**, Campinas: Centro de pesquisa em gravura, Instituto de Artes, UNICAMP, n.2, p. 19-24, nov. 2003.

KOSSOY, Boris. **Hercules Florence, da imagem pictórica à imagem técnica: os anos decisivos**. 2004. Acessado em 08 jul 2015. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/89815564151210129603608231621961927722.pdf>.